

VISITA DIFÍCIL AOS ESTADOS UNIDOS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 11.05.1982

O Presidente da República está hoje embarcando para uma visita aos Estados Unidos. Os analistas geralmente sublinham que essa visita será realizada sob o signo da Guerra das Malvinas. O apoio dos Estados Unidos à Inglaterra nessa desgraçada guerra teria deixado claro para o Brasil e para o restante da América Latina que o conflito Norte-Sul, ou seja, entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, é mais importante do que o conflito Leste-Oeste, através do qual a administração Reagan e a direita de um modo geral (aqui e lá fora) procuram subordinar nossa diplomacia.

Esta análise tem algum fundamento, mas é pouco provável que esta guerra, provocada pela irresponsabilidade de uma junta militar em crise, tenha tanta importância nas nossas relações com os Estados Unidos. Inclusive porque o Governo brasileiro, que vem se, portanto de maneira perfeita nesse episódio (solidarizando-se com o pleito de soberania da Argentina, mas mantendo-se neutro em relação ao conflito), sabe que os Estados Unidos não tinham outra alternativa política e militar senão apoiar a Inglaterra.

Na verdade, mesmo sem a Guerra das Malvinas a visita do Presidente Figueiredo aos Estados Unidos seria difícil, porque enquanto aquele país espera a nossa subordinação, o Brasil assume uma posição internacional cada vez mais independente.

A posição independente do Brasil não significa em absoluto que o país venha a assumir uma posição de neutralidade no conflito Leste-Oeste. Como país capitalista, o Brasil permanecerá solidário com os demais países capitalistas. Mas significa dar muito menos importância a esse conflito do que desejaria o Governo Reagan, significa não confundir o imperialismo norte-americano na América Central com esse conflito, significa não modificar nossa política em relação aos países da África.

Mais do que qualquer outra coisa, entretanto, essa posição independente que o Brasil vem adotando é o resultado da mudança na correlação de forças entre o Brasil e os Estados Unidos. Estamos em crise, mas a crise norte americana é muito mais grave,

assumindo o caráter de decadência ou perda de hegemonia. Paulo Francis vem há tempo demonstrando essa decadência dos Estados Unidos em artigos brilhantes para esta Folha.

Desde meados dos anos sessenta os Estados Unidos desaceleraram seu crescimento, enquanto que o nosso continuou até muito recentemente. O Brasil mantém-se um país subdesenvolvido, marcado por profundas desigualdades, mas hoje é um país poderoso no plano econômico e especialmente industrial. Nossa dependência em relação aos Estados Unidos continua a existir, mas mudou de grau e de natureza. Não somos mais uma economia agrária, apoiada em um capitalismo mercantil (especulativo), mas uma economia industrial capitalista quase madura.

Se os Estados Unidos ainda não se aperceberam disto o Brasil já o fez. Nossa política externa ou afirmações como a do Ministro da Aeronáutica em recente ordem do dia de que, se não for baseada em interesses recíprocos, a “expressão ‘aliviados tradicionais’ é mera figura de retórica”, são a comprovação deste fato, que a visita do Presidente Figueiredo aos Estados Unidos deverá voltar a demonstrar.(11/05)